



Cira Arqueologia

N.º 6



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira



Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

MANUELA RALHA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
www.museumunicipalvfxira.pt
www.cm-vfxira.pt

➤ Dois conjuntos de azulejos Hispano-Mouriscos. O Tejo e a Igreja do Senhor da Boa Morte (século XVI)

TÂNIA MANUEL CASIMIRO (IHC/IAP – FCSH TMCASIMIRO@FCSH.UNL.PT)
JOÃO LUÍS SEQUEIRA (UMINHO/IHC – FCSH JLPBSEQUEIRA@GMAIL.COM)

RESUMO

Escavações arqueológicas na igreja do Senhor da Boa Morte, na freguesia de Povos, permitiram a descoberta de vários fragmentos de azulejos hispano-mouriscos produzidos com as técnicas de corda-seca e de aresta. Demonstram a continuidade na tradição muçulmana de decorar paredes com elementos geométricos e florais. Estes podem ser datados de inícios do século XVI e ali colocados aquando da valorização da igreja pela proximidade do palácio dos Condes da Castanheira. A par desta colecção são ainda analisados alguns destes objectos recolhidos nos areiros do Tejo ainda que não seja possível associá-los a um contexto arqueológico.

ABSTRACT

Archaeological excavations made in the Senhor da Boa Morte church, in the Povos parish, found several fragments of hispano-moresque tiles decorated with two different techniques: corda-seca and arista in a clear tradition of Muslim decorative floral and geometric patterns. These, possibly dated from early 16th century, when the church must have been refurbished under the Count of Castanheira Palace influence, were used either to decorate walls of the altar. This paper also includes a few objects recovered in the Tagus Valley sand banks although without an archaeological context

Introdução

O presente trabalho incide sobre dois conjuntos de azulejos hispano-árabes à guarda do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. O primeiro, correspondendo a vinte e seis exemplares, provém de um contexto arqueológico e foi recuperado aquando das escavações arqueológicas na Igreja do Senhor da Boa Morte, na freguesia de Povos, nas campanhas efectuadas em 1989 e 2000. O segundo, composto por onze azulejos, ainda que estilisticamente semelhante ao primeiro, não possui um contexto arqueológico bem definido visto que foi recuperado nos areiros do Tejo, próximo de Vila Franca. Finalmente, ainda da escavação do senhor da boa morte foi recuperado um pequeno fragmento de um azulejo alicatado. Neste sentido, aproximações distintas terão de ser realizadas mesmo numa análise conjunta destas colecções.

Este estilo azulejar, profusamente utilizado na Península Ibérica e algumas colónias ibéricas do novo mundo desde finais do século XV, desenvolve-se tendo em conta uma forte tradição da estética muçulmana, onde motivos fitomórficos criam composições geométricas.

Os azulejos apresentam duas técnicas distintas, ambas enquadradas no que se pode designar de azulejo hispano-mourisco. Trinta e três dos objectos aqui analisados foram produzidos com recurso à técnica da corda-seca onde os diferentes vidrados que formam a decoração são separados através da delineação dos motivos através de óxidos de manganês misturados com

gordura que evitava que as cores se misturassem. A segunda técnica corresponde ao que se tem vindo a designar de azulejos de aresta onde as decorações já não são delineadas através da pintura, sendo que o azulejo é produzido recorrendo a um molde onde ficam marcados os motivos decorativos em relevo e posteriormente preenchidos com vidrados de diferentes cores. Estas matrizes podem produzir centenas de azulejos iguais num processo quase estandardizado (Pleguezuelo Hernandez, 2007, 365). Esta segunda técnica, supostamente inventada por Niculoso Pisano, um oleiro italiano estabelecido em Sevilha (Pleguezuelo Hernandez, 2007) vai permitir um grande incremento da produção, dado que um único molde pode produzir centenas de objectos.

O consumo e produção de azulejo hispano-mourisco em Portugal

A importação de azulejos ditos mouriscos em corda-seca ou de aresta em Portugal, deve ter sido efectuada algures durante a segunda metade do século XV atendendo que os documentos mais recuados que se conhecem datam dos primeiros anos da centúria seguinte. Em 1502 um armador de sardinha de Sesimbra mandava vir de Sevilha 200 azulejos pelo valor de 400 maravedis feitos pelo oleiro Pedro Herrera (Correia, 1956, 5). Remonta a 1503 uma escritura feita em Sevilha na qual se manifesta a dívida de um mestre entalhador de nome Olivar, que encomendou cerca de dez mil azulejos para a zona de Coimbra a dois oleiros de Triana, que se crê terem sido usados no revestimento da Sé de Coimbra (Goulão, 1986). É também por esta altura que se revestem as paredes do palácio de Sintra com milhares de azulejos de corda-seca e aresta, tornando-se um dos mais paradigmáticos exemplos da utilização deste tipo de azulejo em Portugal. A primeira metade do século XVI é assim marcada por esta solução decorativa sobretudo em palácios e igrejas um pouco por todo o país. O vale do Tejo não é excepção conhecendo-se exemplos de revestimentos com este tipo de azulejos, ainda hoje in situ, em locais como a Igreja Matriz de Alhos Vedros ou o Paço dos Negros na Ribeira de Muge. Estes revestimentos, altamente apreciados durante a centúria de quinhentos, foram sendo retirados a partir do século XVII quando outras modas azulejares se instalaram. Neste sentido, não é raro o seu aparecimento em contextos arqueológicos demonstrando um gosto esquecido, sobretudo em igrejas e palácios, entre outros tipos de contextos, alguns deles com milhares de exemplares recolhidos (Bargão, Ferreira e Silva, 2017; Pereira, 2009; Mangucci, 2015, 71).

Esta vontade de revestir as paredes dos edifícios levou à importação de grandes quantidades destes objectos, maior parte deles da zona da Andaluzia. Esta foi certamente a razão que deve ter motivado os oleiros portugueses, pelo menos desde meados do século XVI, a se aventurarem nesta produção.

Relativamente ao fabrico produção português encontra-se perfeitamente comprovado tanto do ponto de vista arqueológico como arqueométrico. Arqueologicamente, a evidência mais recuada que se conhece passa pelos achados associados a um forno em Santo António da Charneca (Barreiro), possíveis de datar de meados do século XVI. No interior do caqueiro foram identificados diversos azulejos acabados, bem como alguns ainda em chacota (Cardoso, Barros e Gonzalez, 1997). É provável que esta produção também ocorresse em Lisboa, mas de momento não existem evidências suficientes que a comprovem. Ainda que alguns investigadores já suspeitassem que a produção era feita em Portugal (Trindade, 2007), a confirmação foi obtida através de análises arqueométricas que confirmaram que os azulejos recuperados em Santo António da Charneca apresentavam a mesma assinatura química que

as outras cerâmicas ali fabricadas (Ferreira, et al., 2013). Os exemplares identificados, recorrendo exclusivamente à técnica de aresta, apresentavam decoração vegetalista e geométrica, decorados com vidrados de estanho brancos e vidrados de chumbo verde e amarelo.

No que à técnica da corda-seca diz respeito, a sua produção em Portugal não se encontra ainda comprovada do ponto de vista arqueológico visto que nenhum forno foi encontrado com azulejos no seu interior ou sequer em caqueiros. No entanto, estudos arqueométricos efectuados em azulejos identificados nas escavações arqueológicas do Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, em Coimbra, em comparação a outros azulejos identificados em Sevilha e em Toledo, sugerem que aqueles eram igualmente produzidos em Portugal (Coentro et al. 2014).

Apesar da origem portuguesa destes azulejos se encontrar confirmada, o verdadeiro impacto da sua produção é ainda desconhecido e nem conseguimos afirmar ao certo se teriam um papel importante no fornecimento ou se seriam apenas um pequeno complemento. Independentemente da importância destas produções, Sevilha continuou, pelo menos até meados do século XVI, momento em que a produção portuguesa se consolida, a ser um importante centro de produção. **FIG. 1**



Figura 1
Composição de
azulejos recuperada
na escavação da Igreja
do Senhor da Boa
Morte

Contextos e azulejos

A maioria dos objectos aqui estudados provém das escavações efectuadas na Igreja do Senhor da Boa Morte, local icónico da cidade de Vila Franca, localizado na freguesia de Povos que, ainda hoje, é lugar de culto e romaria. Muito embora os azulejos tenham lá chegado algures na primeira metade do século XVI certificando obras de restauro e revestimento de paredes ou altares no interior do templo, a história do edifício é bem mais antiga. Ainda que seja possível que uma ermida mais antiga ali existisse a primeira referência documental a uma igreja neste local remonta ao século XII com a referência à igreja de Santa Maria de Povos, cronologia possível de confirmar através de intervenções arqueológicas na igreja e sepulturas escavadas na rocha, encontradas nas proximidades (Lucas, 2000, 21). Este deveria ser ainda um lugar extensamente habitado se considerarmos o foral dado por D. Sancho I (1195) aos habitantes do Castelo de Povos, local que se sabe ter sido ocupado durante o período muçulmano. Este seria o sítio certo para construir um edifício religioso que foi sofrendo obras e remodelações durante séculos.

A igreja ganha novamente protagonismo quando os Condes da Castanheira, em inícios do século XVI, edificam nas suas proximidades um novo palácio que influenciava directamente a utilização do templo, pois seria ali que os nobres ocupantes assistiriam ao serviço religioso (Lucas, 2000, 24). Terá sido por esta altura que o espaço foi remodelado e ali foram colocados novos azulejos seguindo um estilo muito em voga noutras igrejas e casas nobres. O palácio ocupou um lugar de destaque até 1755 quando ruuiu devido ao Terramoto de 1 de Novembro.

Os azulejos agora estudados podem ter sido retirados aquando de remodelações que no século XVII colocaram os azulejos que ainda hoje lá se encontram.

A colecção em apreço mostra que os revestimentos das paredes recorreram sobretudo a azulejos de corda-seca, ainda que algumas destas decorações encontrem semelhanças com azulejos de aresta possuindo decoração semelhante. Os suportes medem entre 13 e 13,5 cm de lado com uma espessura média de cerca de 2,2 cm, efectuados com pastas claras bem depuradas. Predominam os motivos geométricos. Reconheceram-se quatro motivos diferentes. A terminologia decorativa dos azulejos hispano-árabes ainda não obedece a critérios bem definidos pelo que a atribuição de um nome ao tipo de decoração é ainda muito genérico, mesmo na bibliografia dedicada às produções de Sevilha, generalizando-se termos como geométrico e vegetalista. Respeitando este critério, a maior parte dos azulejos identificados na escavação da Igreja do Senhor da Boa Morte podem ser designados como geométricos e com apenas um exemplar em corda seca com uma decoração tipo floral. Os mesmos padrões são reproduzidos muitas vezes com alternância das cores utilizadas criando padrões semelhantes com diferentes cores e dinâmicas estéticas. Uma das decorações identificadas trata-se de estrela com as cores azul, amarelo e preto, identificada igualmente nas paredes da Sé de Coimbra (Fig. 2 A). Os azulejos geométricos, ou com laçarias geométricas (Fig. 2 B e C), funcionariam num padrão de 2x2 onde a sua arrumação em conjuntos de quatro produziria uma estrela ou flor central (Fig. 1). Exemplares semelhantes são identificados com frequência nas paredes do Palácio de Sintra, na Igreja do Póculo das Caldas da Rainha, ou recuperados no Paço dos Negros no chamado banco do rei Preto (Meco, 1989, 7; Evangelista, 2011, 153). Foram ainda recuperados no interior da igreja azulejos com padrões geométricos inspirados no quadrifólio (Fig. 2 D), com exemplares semelhantes identificados nas paredes do palácio nacional de Sintra (Trindade, 2007). Recuperaram-se três fragmentos

de azulejo de aresta com decoração floral (Fig. 3C e D). Ainda que não descartando a possibilidade de terem sido produzidos na zona do Barreiro a análise macroscópica da pasta sugere tratar-se uma produção sevilhana. Azulejos semelhantes encontraram-se aplicados em zonas do já mencionado Paço dos Negros, em Almeirim.

Apenas um fragmento de alicatado foi recuperado nesta intervenção tendo, no entanto, perdido o seu revestimento vidrado não sendo possível de inferir a sua tonalidade ou o padrão ao qual estava associado (Fig. 3 B). Ainda que os alicatados sejam conhecidos durante o século XV nada nos leva a suspeitar que este fragmento tenha sido utilizado na decoração da igreja em momento anterior ao da aplicação dos azulejos hispano-árabes. Poderia ter sido usado na formação de grandes painéis ou simplesmente no remate de painéis de azulejos, justificando a recuperação de apenas um pequeno exemplar.

Ainda relativamente aos azulejos identificados, teremos de chamar à atenção de um fragmento de azulejo que faria parte de um padrão de laçarias geométricas (Fig. 3 A). A peculiaridade deste objecto passa por apresentar marcas, em manganês, no tardo, zona que ficaria em contacto directo com a parede e oculta. O facto de apenas possuírmos um fragmento deste azulejo não nos permite avançar sobre que tipo de desenho se tratava. Marcas na parte posterior dos azulejos hispano-árabes são conhecidas, mas raras. O Museu Nacional de Arqueologia possui alguns na sua colecção, destacando-se o desenho de um leão quase que desajeitado, revelando uma falta de mestria no seu traço. No Palácio Nacional de Sintra foram reconhecidos diversos desenhos de aves, um dos quais um pelicano (Trindade, 2007) enquanto na colecção do museu de Beja, Abel Viana reconheceu diferentes tipos iconográficos desde zoomorfos e letras. Um azulejo encontrado no Convento de Santa Clara do Funchal apresenta o que Lúcia Gonçalves acredita ser um papagaio (Gonçalves, 2017). No entanto, entre as largas centenas de objectos recuperadas no Palácio dos Condes de Penafiel não foi identificado um único exemplar com estas marcas. O motivo pelo qual estes desenhos surgem no tardo dos objectos não é claro. Não fazem sentido serem marcas de olaria visto que ficariam escondidas. Por norma são associados a desenhos de aprendizes que ali treinariam, justificando o seu traço pouco claro, no entanto não podemos ignorar que têm sido registados desenhos de animais, mas também letras e números, o que pode por em causa esta interpretação.

Relativamente à colecção recuperada dos areiros do rio Tejo acreditamos que mesmo não oriunda de um contexto arqueológico seguro, não deve ser ignorada. Este conjunto reflecte o tipo de azulejos que eram transportados rio acima e utilizados nas casas nobres ou igrejas ao longo do Tejo. Foram reconhecidos quatro tipos de decoração distintas, algumas das quais também identificadas na Igreja do Senhor da Boa Morte. As laçarias geométricas são a decoração mais abundante (Fig. 4 A). Foram ainda recuperados exemplares de outros azulejos geométricos com estrelas centrais nas cores de azul, laranja e preto, semelhante a outros identificados no Palácio Nacional de Sintra, bem como um azulejo de padrão floral que funcionaria num painel de 2x2. De destacar ainda o único exemplar a verde e branco em decoração também ela frequente em contextos de inícios do século XVI (Trindade, 2007). São ornamentações muito frequentes neste tipo de azulejos com peças semelhantes identificadas novamente no Palácio da Vila de Sintra e no Paço dos Negros, bem como em fragmentos recuperados na escavação do palácio dos Condes de Penafiel. **FIGS. 2-3**

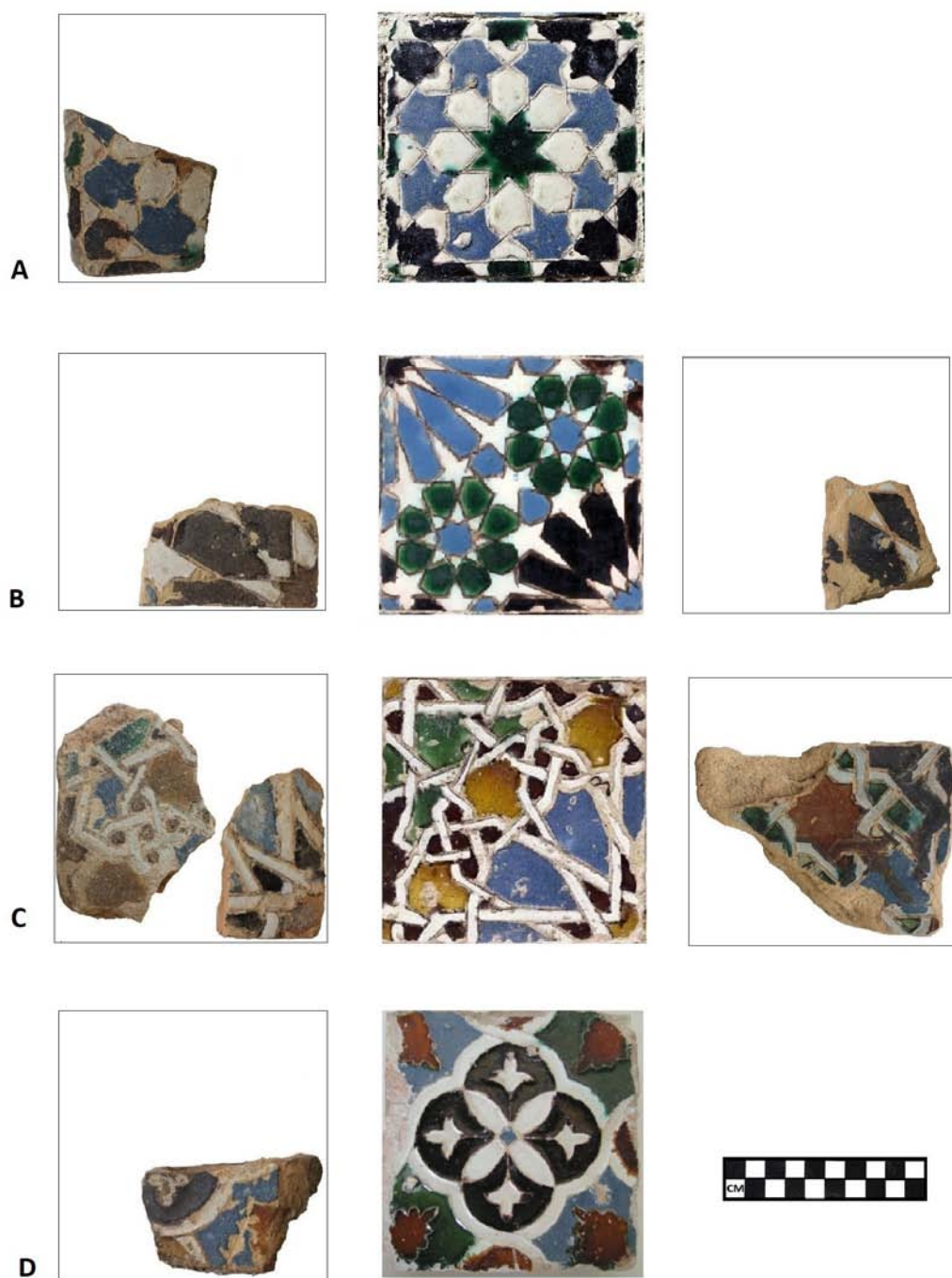


Figura 2
Azulejos em corda-seca recuperados na escavação da Igreja do Senhor da Boa Morte

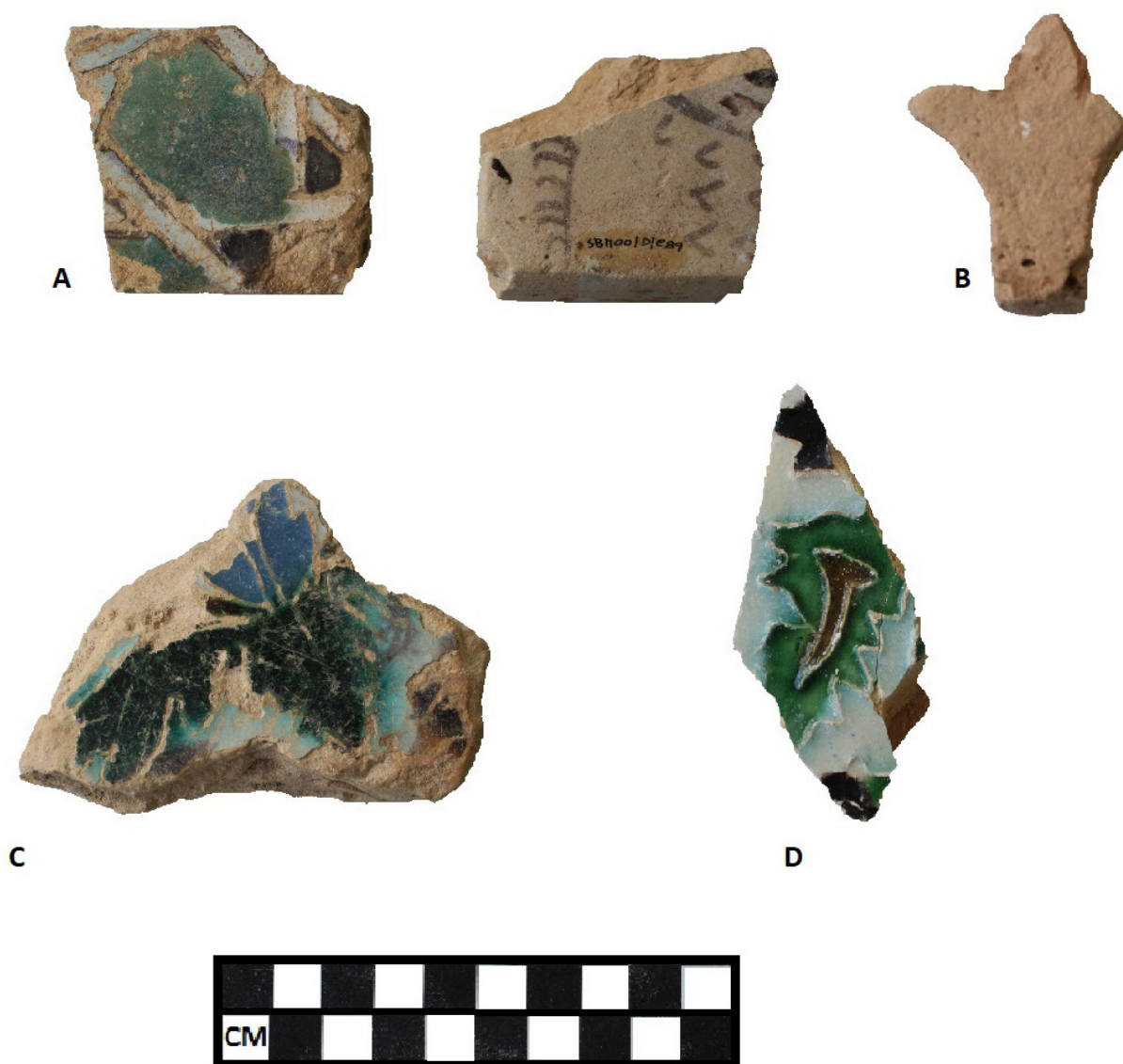


Figura 3
Azulejos em corda
seca, aresta e
alicatado recuperados
na escavação da Igreja
do Senhor da Boa
Morte

Conclusão

Os azulejos hispano-árabes recuperados tanto nos contextos da Igreja do Senhor da Boa Morte, antiga Igreja de Nossa Senhora de Povos, como nas recolhas dos areeiros do Rio Tejo, correspondem ao tipo de azulejos que, em inícios do século XVI estavam a ser usados nas decorações de relevantes edifícios em Portugal. A sua semelhança com os azulejos que adornam as paredes da Sé de Coimbra, que se julga terem sido encomendados em 1503, e os que ainda hoje estão em exposição no palácio da vila de Sesimbra, mas também no Paço dos Negros, em Almeirim, leva-nos a acreditar que também a sua utilização na Igreja em Povos ocorreu nos inícios de quinhentos. Não será possível afirmar se estariam a adornar as paredes de uma das sacristias ou do altar, visto que nenhum deles é conhecido *in situ*, apesar de ambas serem soluções recorrentes. Seja como for, uma das principais igrejas da zona de Vila Franca, em muito relacionado com a presença do conde da Castanheira e a sua relação directa com as elites, não passou ao lado deste movimento estético.

Correspondem sobretudo a produções que podemos recuar até aos inícios do século XVI com destaque para os azulejos de corda-seca e apenas três fragmentos de aresta, técnica que se acredita ter sido desenvolvida em finais do século XV em Sevilha e com produção comprovada em Portugal em meados da centúria seguinte.

A sua colocação em igrejas ou em palácios directamente relacionados com as famílias mais abastadas do reino, nomeadamente a família real, revela que a sua base social de consumo foi sempre considerada elevada. A comprová-lo encontramos as esferas armilares que se conhecem nos azulejos do Palácio de Sintra ou os azulejos com brasões que estão em exposição no museu do azulejo oriundos de locais tais como a Quinta da Bacalhoa e o Paço Ducal de Vila Viçosa (Goulão, 1986).

É possível que o investimento em azulejos sevilhanos efectuado durante o reinado de D. Manuel tenha suscitado o interesse de diversas igrejas, imitando o que se passava nos palácios mais abastados. A verdade é que estes azulejos estão a ser recuperados em abundância em muitos contextos arqueológicos, por vezes apenas com um ou dois exemplares. Poderá isto querer dizer que algumas casas tinham painéis completos, tais como o Palácio dos Condes de Penafiel, enquanto outros poderiam apenas possuir pequenos apontamentos parietais ou remates, tal como a casa encontrada na Rua dos Correiros (Mangucci, 2015)?

Estes azulejos por norma encontram-se arrumados em padrões que formam grandes tapetes geométricos e vegetalistas. No caso dos azulejos aqui em análise o tipo de padrão será conhecido visto que estes ainda podem ser observados hoje, como por exemplo no banco do Rei Preto no Paço dos Negros (Fig. 5). Arrumações semelhantes seriam usadas na igreja de Povos e noutras igrejas em redor.

Estes padrões azulejares proporcionavam uma experiência visual única aos visitantes daqueles locais que entrariam em contacto com uma realidade cultural que apenas ornamentava os espaços mais abastados, satisfazendo os gostos das elites sociais e religiosas na Península Ibérica. **FIGS. 4-5**

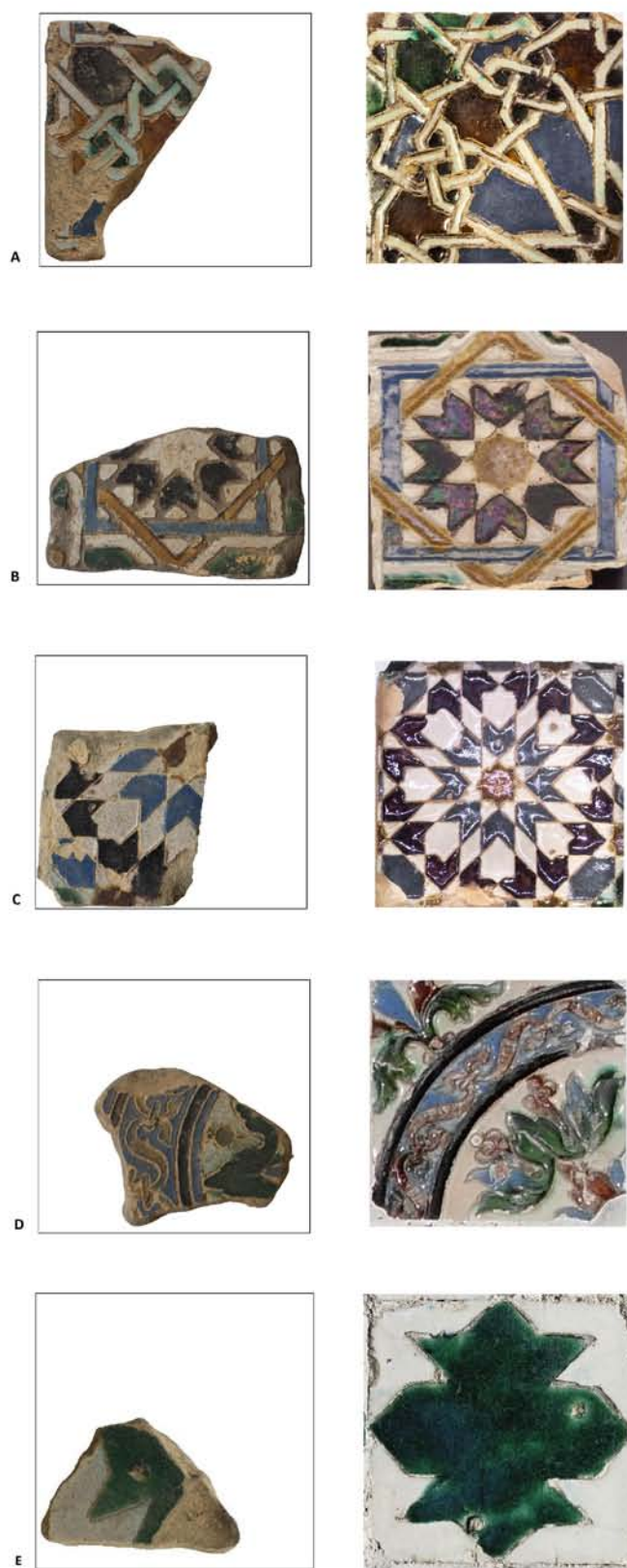


Figura 4
Azulejos recuperados
nos areiros do Tejo



Figura 5
Painel de azulejo
do Paço dos Negros
(Almeirim) – cortesia
de Samuel Tomé.



Agradecimentos

Na demanda por azulejos de tardoiz marcado gostava de agradecer à Mariana Almeida, ao Vítor Rafael de Sousa e à Lígia Gonçalves por me ter enviado o seu artigo.

BIBLIOGRAFIA

- BARGÃO, A.; FERREIRA, S.; SILVA, R. B. (2017) – Polícromias e padrões: azulejos de “aresta” e de “corda-seca” do palácio dos condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI). In *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1781-1794
- CARDOSO, G., BARROS, L., GONZALEZ, A. (1997) – Primeira notícia do forno de Santo António da Charneca – Barreiro. In *Actas das 3. as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Câmara Municipal de Tondela. Tondela, p. 295-307.
- COENTRO, S., TRINDADE, R., MIRÃO, J., CANDEIAS, A., ALVES, L., SILVA, R., MURALHA, V. (2014) – Hispano-Moresque ceramic tiles from the Monastery of Santa Clara-a Velha (Coimbra, Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 41, p. 21-28.
- CORREIA, V. (1956) – Azulejos, Coimbra: Livraria Gonçalves.
- EVANGELISTA, M. (2011) – Paço dos Negros da Ribeira de Muge. A tacubis romana, Alpiarça: Garrido Artes Gráficas.
- FERREIRA, L.F.V., CASIMIRO, T.M., CONCEIÇÃO D.S., FERREIRA D.P., SANTOS L.F., MACHADO, I. (2014) – Portuguese 16th century tiles from Santo António da Charneca’s kiln: a spectroscopic characterization of pigments, glazes and pastes. *Journal of Raman Spectroscopy*. 45(7), p. 838-847.

- GONÇALVES, L. (2017) – A propósito de um azulejo proveniente do convento de Santa Clara do Funchal. *Islenha*, 61, p. 53-62.
- GOULÃO, M. J. (1986) – Alguns problemas ligados ao emprego de azulejos «mudéjares» em Portugal nos séculos XV e XVI. In *Relaciones artisticas entre Portugal y Espana*. [S.l.]: Junta de Castilla y Leon, p. 129-154.
- LUCAS, M. M. (2000) – Para uma arqueologia da paisagem – o alto do Senhor da Boa Morte, um Espaço vivido. In *Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 13-28.
- MANGUCCI, C. (2015) – O painel de azulejos de composição geométrica do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros, in: Bugalhão, J. (coord.) *Uma casa pré-pombalina na Baixa de Lisboa. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*, Lisboa: CHAM, p. 67-72.
- MECO, J. (1989) – O azulejo em Portugal, Lisboa: Alfa.
- PEREIRA, J. (2009) – Identidade, História e Memória da Terra de Aveiras de Baixo. Aveiras de Baixo: Junta de Freguesia de Aveiras de Baixo.
- PLEGUEZUELO HERNANDEZ, A. (2007) – Ceramica de Sevilla (1248-1841). In: Sanchez Pacheco (ed.) *Summa Artis. Historia General del Arte, Cerámica Española*. vol. XLII. Madrid. Espasa Calpe. Madrid, p. 343-386.
- TRINDADE, R. A. A. (2007) – Revestimentos Ceramicos Portugueses (Meados do século XIV a primeira metade do século XVI). Lisboa: Edições Colibri.